

SLU recolhe uma tonelada de lixo por dia

Antonio Carlos Silva

Há dias nos quais o SLU — Serviço Autônomo de Limpeza Urbana — recolhe das ruas do Distrito Federal uma tonelada e meia de lixo. “m média, de mil a mil e 300 quilos”, esmiuçou o gerente de operações da empresa, Noel Soares da Silva. O que dá em torno de dez mil toneladas de lixo por semana, 50 mil toneladas por mês, e mais de meio milhão de toneladas por ano. Sendo que, na aferição de Noel, “a tendência é aumentar a média, com o crescente número de invasões, assen-

tamentos” e, até mesmo, “com a melhoria do poder aquisitivo da população”. Ele, que cata o lixo da cidade, sabe bem o que diz — talvez até melhor que os economistas de plantão.

Mas, o que esse pessoal faz com tanto lixo? Quem conta é o gerente de destinação dos Resíduos Sólidos, o engenheiro agrônomo Cláudio Rachid: “A gente o reaproveita o mais que pode, até que sobre o menos possível de resíduo inaproveitável — o lixo do lixo”. Esse substrato zero, não tem jeito: o SLU enterra no

Aterro Sanitário do Jockey Club, um “mal necessário”, segundo Rachid. “Existem aterros sanitários em todo o mundo”, garante ele — “e Brasília não seria uma exceção à regra”.

Em aterro, não; mas, em reciclagem, com certeza. De todo o lixo que o SLU coleta no Distrito Federal, quase 70 por cento é reprocessado nas duas usinas da empresa — e desses 70, só cinco por cento são enterrados. Um percentual que nenhum Estado, brasileiro ou sul-americano, consegue obter nos dias de hoje. Pa-

lavra de Rachid, que o dia-a-dia do SLU comprova sem dúvidas.

Tivesse mais espaço e tecnologia, e o SLU disputaria “pau a pau” o recorde mundial. Das duas usinas de processamento que a empresa tem, somente uma, a de Ceilândia, conta com capacidade ideal. A tecnologia de ponta passa ao largo da usina situada na Avenida das Nações, “a usina do Lago”, como a chama o gerente de resíduos do SLU. Ela é a mesma, em termos de maquinaria e de manutenção, que quando foi fundado o SLU, em 1951.

Cláudio Rachid conta com 250 funcionários da Ceilândia e com apenas 112 no próprio da sede. Menos de 400 profissionais, entre engenheiros, técnicos e mão-de-obra não-especializada, “metendo a mão” em toneladas de dejetos, dia a dia. Otimista, ele declara: “tudo bem, até que dá para o gasto”.

Contando tão-somente com os dois depósitos acoplados às usinas, Rachid consegue estocar produtos reciclados em tal quantidade que as indústrias de Brasília, do Entorno, da Geo-Econô-

mica, “e até mesmo da Bahia”, não lhe dão sossego, sempre atentas às licitações que o SLU promove para a venda de papel, de papelão, de plásticos e materiais ferrosos. “A Novo Rio Papéis, por exemplo, é uma grande compradora dos nossos produtos reciclados”, conta Cláudio.

O gerente de resíduos do SLU disse também que o lixo não dá lucro. “Pelo menos não o financeiro”. De acordo com ele, o lixo dá lucro social, econômico e ecológico:

Serviço vai vender papéis

Agora mesmo, no final do mês, o SLU abre licitação para a venda de 400 toneladas ou mais de papel e papelão reciclados. Ou seja, sem derrubar sequer uma árvore. Que dirá as seis mil e 400 árvores adultas que a indústria teria de pôr abaixo, se quizesse obter as mesmas 400 toneladas de papel e papelão pelas vias de fato. “Estão vendo aí o lucro ecológico de lixo”, pergunta, animado, o gerente Rachid.

Tem mais: ainda este mês, o SLU vai leiloar mais de mil e 500 toneladas de material ferroso, que empresas como a Mendes Jr. (“nossa maior compradora desse tipo de produto”) poderá levar ao forno e transformar de novo em lataria ou chaparia — “sem tirar um grama sequer de ferro, das jazidas de minério por aí agora”. O gerente do SLU nem precisa perguntar: o lucro econômico é tão evidente quanto à quentura de um ferro em brasa.

Já o lucro social do lixo é questionável. O SLU tem no fichário da seção do pessoal 3 mil 726 funcionários cadastrados. Oficialmente, trabalham na casa. Só que, na realidade, 2 mil 842 estão ou estariam na ativa. O que ainda não confirma com os fatos. Desses, menos de três mil funcionários e mais de novecentos constam apenas no papel. Estão espalhados pelas secretarias, administrações regionais e gabinetes políticos. Ou seja, mais da metade dos funcionários do SLU estão desviados de suas funções. Jamais foram garis, condição funcional na qual foram contratados, e muitos jamais pisaram nas dependências do SLU.

Funcionamento com sacrifício

Sacrifício. Essa é a palavra de ordem para quem trabalha no SLU. Com problemas internos graves, a sede é a mesma há 31 anos e o serviço só conta com 1 mil 058 varredores e 772 na coleta do lixo. Ainda assim o SLU consegue funcionar. “Temos apenas quatro anos para resolver os problemas do SLU”, diz o assessor de imprensa da estatal, Jacques Barreto, acrescentando que o governador Joaquim Roriz está buscando soluções para que o SLU volte a funcionar sem distorções.

O chefe do Departamento Pessoal, Carlos Alberto de Lima, vive também uma situação delicada. Ele, que controla a matrícula de todos os funcionários do SLU e chefia diretamente 24 pessoas, na verdade trabalha com apenas seis, que “realmente exercem as suas funções”.

Um dos contrastes do SLU é quanto à distribuição do pessoal no órgão. Enquanto existem 242 motoristas e 128 feitores de campo, não há sequer um funcionário exercendo as funções de telefonista e borracheiro, além da falta de um advogado no seu Departamento Jurídico.

Outro problema do Serviço de Limpeza Urbana é quanto à contratação de dois mil homens, para enfrentar a demanda de coleta do lixo em todo o Distrito Federal. “Nós estamos com defasagem de pessoal, mas como as contratações estão suspensas, se torna difícil conseguir esse objetivo”, diz Noel Soares da Silva, gerente de operações.

No dia 16 de maio do mês que vem, o SLU estará comemorando o Dia do Garri. Haverá missa, campeonato de futebol e entrega de medalhas.